

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E O DIÁLOGO COM A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sônia Elane Araújo Pascaretta ¹
Mônica da Silva Serpa ²
Lara Ramos Silva ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão a respeito da documentação pedagógica como ferramenta de reflexão da prática docente de professores da educação infantil, visando estabelecer um diálogo do cotidiano escolar com a infância. Essa reflexão se dará a partir do percurso metodológico da pesquisa, desenvolvida junto às experiências de docentes do Centro de Educação Infantil Mattos Dourado, da rede pública no município de Fortaleza, que embasam o desenvolvimento desse trabalho. Nesse sentido, buscou-se investigar os contextos educacionais e sociais inerentes ao desenvolvimento da criança na educação infantil, sendo feita uma análise dos resultados obtidos na pesquisa, através de referenciais teóricos que se debruçam sobre práticas docentes voltadas para uma pedagogia da escuta, inspiradas nas experiências da abordagem pedagógica desenvolvida na cidade italiana de Reggio Emília.

Palavras-chave: Documentação pedagógica, Educação Infantil, Infância, Reggio Emília.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco analisar a utilização da documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil, buscando envolver o cotidiano da escola e os saberes docentes, em uma prática reflexiva que dialogue com a infância e suas potencialidades.

Nessa ótica, um processo constante de ressignificação vem se construindo e novos estudos definem-se pela compreensão da criança como sujeito, que tem seu alicerce na concepção histórico cultural ou sócio-interacionista, em cuja abordagem psicológica, sobre o desenvolvimento infantil deve ser vista em todos os aspectos e sob múltiplas dimensões.

Assumindo essa concepção sobre a criança, o professor precisa conhecê-la, e para isso, observá-la e ouvi-la, atuando como mediador, proporcionando-lhes experiências que estimulem seus processos de aprendizagem e desenvolvimento como sujeito capaz, o qual deve nortear seu planejamento.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Pós-Graduada em Ciências da Educação, pela Faculdade Evolução, soniaelanealencar@gmail.com;

² Graduada do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Pós-Graduada em Gestão e Coordenação Escolar, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, monicaserpa88@hotmail.com;

³ Graduada do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Pós-Graduada em Educação Inclusiva, pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, larasilva@hotmail.com;

Durante décadas na história da educação brasileira, a educação infantil foi desvalorizada e considerada como pouco importante, sendo geralmente direcionada para o âmbito assistencialista e tendo como objetivo central o cuidar, diretamente relacionado à alimentação e higiene das crianças.

Nos primeiros anos das creches, na década de 1970, havia pouca teoria pedagógica referentes às crianças menores de três anos. Assim, o treinamento dos professores envolvia o desenvolvimento de estratégias de observação para compartilhar com a equipe, sendo essa atividade, a base para conhecimento das necessidades sociais e emocionais das crianças, e para a elaboração de atividades curriculares (EDWARD, GANDINI, FORMAN, 2016).

A documentação pedagógica foi então se consolidando como estratégia de pesquisa sobre questões relacionadas ao desenvolvimento infantil, à forma como as crianças desenvolvem suas teorias e hipóteses sobre o mundo que as cerca, à forma de organizar o ambiente e à atuação docente.

Desde o final do século XX, o relato sobre a experiência educativa de Reggio Emília, cidade localizada no norte da Itália, foi uma referência para pensarmos e discutimos práticas educativas na Educação Infantil. A cidade italiana ganhou destaque no cenário mundial da Educação Infantil por meio, principalmente, da obra de Edwards, Gandini e Forman (2016).

A contextualização histórica da Educação Infantil na Itália e, em especial, em Reggio Emília, mesmo que de forma breve, é importante para elucidar pontos importantes que se tornaram características da abordagem que reúne aspectos inovadores na proposta escolar com crianças pequenas.

A abordagem de Reggio Emília, baseada em teorias, práticas e pesquisa, construiu uma imagem de criança como rica, poderosa, potente: “elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilharem-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se” (RINALDI, 2012, p. 114). Além disso, acreditam que os sentimentos e a afetividade não podem ser subestimados no processo de desenvolvimento, uma vez que estão diante de uma criança inteira, e não fragmentada, no dia a dia da escola.

A presente pesquisa tem como justificativa o contato com turmas de Educação Infantil e a preocupação com o vínculo que se concebe entre os registros docentes e a aprendizagem dos alunos, no sentido de qual relevância é dada à esses procedimentos enquanto construção do conhecimento e desenvolvimento infantil.

Partindo dessa premissa, temos como problema central da pesquisa: como se dá o uso da documentação pedagógica como ferramenta de reflexão sobre a prática docente, através de

um diálogo com a infância, voltado para aprendizagem e desenvolvimento da criança na educação infantil?

Buscando resposta para essa questão, acompanhamos, observamos e entrevistamos professores da educação infantil, do Centro de Educação Infantil (CEI) Mattos Dourado, pertencente à rede pública da cidade de Fortaleza. Verificamos se o professor conhece e como desenvolve algum tipo de documentação pedagógica para valorizar o processo de aprendizagem da criança, visando avaliar e reavaliar sua prática e desenvolver uma mediação da aprendizagem mais ampla e significativa para a criança.

METODOLOGIA

Como ferramenta metodológica foi utilizada a pesquisa qualitativa, visto que “(...) ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2013, p. 21), sendo compreendida como a mais adequada por levar a entender o processo em que se desenvolve o objeto do estudo:

A necessidade de pesquisar algo nasce a partir do surgimento de problemas e da curiosidade de muitos pesquisadores. Podendo-se assim definir a pesquisa como uma atividade voltada para a solução de problemas e para suprir a necessidade de conhecer do homem, empregando processos científicos. (MINAYO, 2010, p. 99)

Conforme aponta Minayo (2010), a pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças e valores, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que podem não ser produzidos à operacionalização de variáveis, deste tipo de pesquisa.

A pesquisa empírica consistirá no diálogo desenvolvido com as educadoras do Centro de Educação Infantil (CEI) Mattos Dourado, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, onde foram realizadas entrevistas, através de questionários, pois como assinala Gil (2002) trata-se de um método complementar para coleta de dados, que consiste na obtenção de informações diversas através da comunicação entre duas ou mais pessoas.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas com professoras do CEI Mattos Dourado, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, tiveram como critério para escolha: utilizar meios de documentação pedagógica para aperfeiçoar a prática docente através de um diálogo que se estabelece com a infância, e respectivamente, com o desenvolvimento da criança.

As estratégias de coleta de dados eleitas para este estudo foi a abordagem qualitativa, com aplicação de entrevista questionário fechada pois permite que o pesquisador tenha maior liberdade para opinar sobre o tema proposto, a ser realizada com as professoras da instituição escolhida, e a observação participante, na qual o pesquisador está em interação com o pesquisado, podendo assim obter maiores informações e dados coletados. (GIL, 2002)

Nesse contexto, a pesquisa foi desenvolvida baseada, também, no método dialético, que considera que o fenômeno social é entendido nas transformações dadas pelo sujeito, ou seja, os fatos não podem ser considerados sem sua historicidade, fora de um contexto social, político, econômico, entre outros (MINAYO, 2013).

DESENVOLVIMENTO

As instituições de educação infantil nasceram na França, no século XVIII, em resposta à situação de pobreza, abandono e maus-tratos de crianças pequenas, cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas, criadas pela revolução industrial (OLIVEIRA, 2002).

Durante muito tempo, as instituições infantis, incluindo as brasileiras, organizam seu espaço e sua rotina diária em função de ideias de assistência, de custódia e de higiene da criança. A partir da década de 1980, surgiu a ampliação do debate a respeito das funções das instituições infantis para sociedade moderna, que teve início com os movimentos populares na década de 1970. Nesse período, as instituições passaram a ser pensadas e reivindicadas como lugar de educação e cuidados coletivos das crianças de zero a seis anos (HEYWOOD, 2012).

A abertura política no Brasil permitiu o reconhecimento social desses direitos manifestados pelos movimentos populares e por grupos organizados da sociedade civil. A constituição brasileira de 1988, através do Art. 208, inciso IV, pela primeira vez na história do Brasil, definiu como direitos das crianças de zero a seis anos de idade, serem cuidadas e educadas gratuitamente em creches e pré-escolas.

Muitos fatos ocorreram de forma a influenciar essas mudanças: o desenvolvimento urbano, as reivindicações populares, o trabalho da mulher, a transformação das funções familiares, as concepções atuais sobre criança e infância e as condições socioculturais para o desenvolvimento das crianças (HEYWOOD, 2012).

Desde o final do século XX, o relato sobre a experiência educativa de Reggio Emília, cidade italiana de referência para o desenvolvimento da educação infantil, por meio,

principalmente, da obra de Edwards, Gandini e Forman (2016), foi uma referência para pensarmos e discutimos práticas educativas na Educação Infantil.

Após o final da Segunda Guerra, na cidade de Reggio Emília, em parceria com os órgãos municipais, são construídas novas escolas, e é dado apoio financeiro a todas aquelas que surgiram no pós-guerra, procurando a melhoria dos serviços educativos. Nesse período, ter acesso aos serviços educacionais de qualidade para crianças pequenas passa a ser um direito da infância e das famílias, sendo assumido por diversos setores da sociedade – professores, cidadãos, políticos. O trabalho constitui-se, então, desde sua criação, em uma coparticipação da gestão entre as famílias, os cidadãos e o poder público.

Em 1971, é aberto a primeira instituição, que atende crianças de 0 a 3 anos (equivalentes aos centros de Educação infantil – CEIs brasileiros), também fazendo parte da gestão municipal (MENDONÇA, 2009). Essa expansão é reflexo dos movimentos feministas, do envolvimento de Lóris Malaguzzi e da mobilização das forças políticas de esquerda no Conselho Municipal, que buscava dar respostas às solicitações feitas pelas famílias (REGGIO CHILDREN, 2012).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), as instituições de educação infantil devem ter o objetivo de garantir a todas as crianças, o acesso de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens das diferentes linguagens; bem como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com as outras crianças.

As crianças são providas de discernimento proporcional às suas experiências para fazer associações entre o contexto e os acontecimentos que as cercam e seus pensamentos gerados por questões subjetivas internas, como seus preconceitos, enfim, sua forma de conceber o mundo e, por sua vez, externam esses eventos conforme o interesse de quem esteja à sua volta e se disponibilize a ouvi-las. O outro dá conta da existência de uma compreensão particular da criança, construída sob equívocos que merecem análise criteriosa no sentido de se elucidar a forma e os passos – cronológicos, cognitivos e sociais – que permeiam essa dinâmica da natureza infantil (PINTO, 1997).

Essa visão de criança é algo inovador na educação brasileira, mas que já vem a alguns anos tentando quebrar antigos paradigmas de educação realizada apenas pelo professor, inclusive em documentos norteadores de práticas na educação infantil.

Cada vez mais, programas de formação docente buscam envolver o cotidiano da escola e os saberes docente numa prática reflexiva e coletiva, propondo que essa formação

não seja apenas inicial, e que continue ao longo da vivência profissional dos que se dedicam à docência, sabendo que os conhecimentos profissionais são progressivos e evolutivos.

A ideia de documentação ganha força no campo da educação infantil, especialmente a partir do ingresso, em nosso meio, de publicações referentes a essa experiência italiana. Ao ser tomada tal experiência, pode ser reconhecida como mais um referencial ao lado de outros, mas que pode contribuir para repensar nossa realidade educacional, bastante diversa daquela.

Importa, portanto, clarificar o conceito de documentação pedagógica de maneira crítica, evidenciando a multiplicidade de modalidades de documentação e desconstruindo concepções que difundem a percepção de caminhos e possibilidades.

Em linhas gerais, podemos conceituar documentação como sistematização de trabalhos pedagógicos, produção de memórias sobre experiências, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados. A documentação é uma atividade de “elaboração, comunicação, pesquisa e difusão de documentos” (RINALDI, 2012, p.62).

Apesar do registro de atividades, no âmbito administrativo ou pedagógico, não ser uma novidade na escola, sua utilização como forma de documentar os processos e práticas pedagógicas vem ganhando força. Mais que isso, a prática de documentação pedagógica é uma possibilidade de reflexão docente e de comunicação entre as pessoas envolvidas nas relações com as crianças. É importante ressaltar que a atitude reflexiva é construída na própria prática de documentação, é no espaço social constituído pelos docentes, coordenadores, crianças e familiares que a reflexão ganha força epistêmica.

A documentação pode ser considerada práxis reflexiva sobre o projeto e sobre a vivência, processo ligado à programação e à avaliação, à experiência, mas dotado de especificidades: a documentação não é o projeto, nem a experiência; é algo além, é elaboração da experiência que faz emergir o sentido do vivido, o conhecimento de processo e o referencial teórico-metodológico da ação. Documentação não apenas como narração, mas como explicação de conceito-chave, escolhas metodológicas, em síntese, um processo de formação.

Segundo Edwards, Gandini e Forman (2016), documentação ajuda os educadores a escutar e observar as crianças, possibilitando conhecê-las melhor para respeitá-las. É um processo cooperativo de leitura das experiências e reflexão sobre elas, envolvendo a coleta de informações, a seleção de dados e sua interpretação.

A documentação possibilita, portanto entender como as crianças exploram e constroem sua leitura de mundo, e como acontecem seus processos de aprendizagem, além de

favorecer o processo de reflexão sobre o modo como enxergamos a criança, as construções de infância que perpassam nosso olhar e nossas intervenções como educadores.

Historicamente a profissão docente está marcada pelo “falar”, pois as escolas durante muito tempo eram somente um espaço para a transmissão de conhecimento. Este espaço podemos descrever como pedagogia transmissiva. “O professor é visto como mero transmissor daquilo que lhe foi transmitido ontem - como elo entre esse conhecimento perpétuo e a criança aprendente”. (OLIVEIRA-FORMOSINHO; PASCAL, 2019, p. 15).

Em oposição à pedagogia transmissiva, encontramos a pedagogia participativa. Ela defende que a criança constrói o conhecimento em uma experiência contínua e através de interações com outras pessoas. (OLIVEIRA-FORMOSINHO; PASCAL, 2019).

Na pedagogia reggiana tanto a criança quanto adulto são sujeitos ativos na aprendizagem. O papel do professor é fazer uma interação participativa, uma troca em entre adultos e crianças.

Nas escolas inspiradas em Reggio Emilia a documentação pedagógica esta centrada na escuta ativa. Porém, antes de adentrar nessa questão é importante frisar sobre a concepção de criança. Quem é essa criança com que nos relacionamos? Quem é essa criança na concepção de Loris Mallaguzzi?

Em Reggio, a criança é um ser ativo, dotado de inteligência, amplamente capaz de nos ensinar e aprender com as suas limitações e potencialidades.

Em Reggio, a resposta para esta questão, é a da criança rica, uma imagem baseada na compreensão de que todas as crianças são inteligentes, o que quer dizer que todas as crianças atribuem significado ao mundo [...] Segundo essa construção social, luta-se para mostrar as potencialidades de cada criança e para dar a cada uma o direito democrático de ser escutada e reconhecida como cidadão na comunidade. (RINALDI, 2017, p. 39-40)

As crianças desenvolvem teorias para dar significado ao mundo em que a as rodeias. “É por isso que a teoria para existir precisa ser expressada, comunicada e ouvida. Aí jaz a base da pedagogia das relações e da escuta que distingue o trabalho em Reggio Emilia.” (RINALDI, 2017, p. 235)

A criança têm cem linguagens, cem formas de pensar e agir. Ela se comunica através dos gestos, símbolos, com o corpo, entre outros. Por ter cem linguagens, a criança precisa da escuta ativa do adulto para que este compreenda suas formas genuínas e sensíveis de expressão.

A documentação pedagógica encontra-se inserida em uma proposta onde considera importante a escuta, observação e o registro. É necessário um olhar sensível do educador para que ele possa interpretar o que as crianças desejam falar.” A documentação surge da observação atenta, ao registrarmos o cotidiano, temos a chance a chance de conhecer e de dar visibilidade às crianças em suas múltiplas formas de se relacionar expressar e viver o mundo” (GARCIA, ABREU, 2017, p.85).

Rinaldi (2017) nos faz refletir sobre este termo escuta. Ela diz que escutar é simplesmente uma metáfora, que devemos ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os outros sentidos.

Escutar as crianças significa escutar as suas reações diante de situações que ocorrem no cotidiano. “Escutar é dar a si próprio e aos outros um tempo para os outros, um tempo para ouvir. Por trás de cada ato de escuta, há um desejo, uma emoção, uma abertura às diferenças, à valores e pontos de vistas distintos” (RINALDI, 2017, p. 209).

Aprender a escutar não é fácil, é procurar entender o ponto de vista do outro, e no caso da criança, considerá-la um sujeito que pensa, analisa o mundo a sua volta, sendo capaz de tomar algumas decisões, de maneira competente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

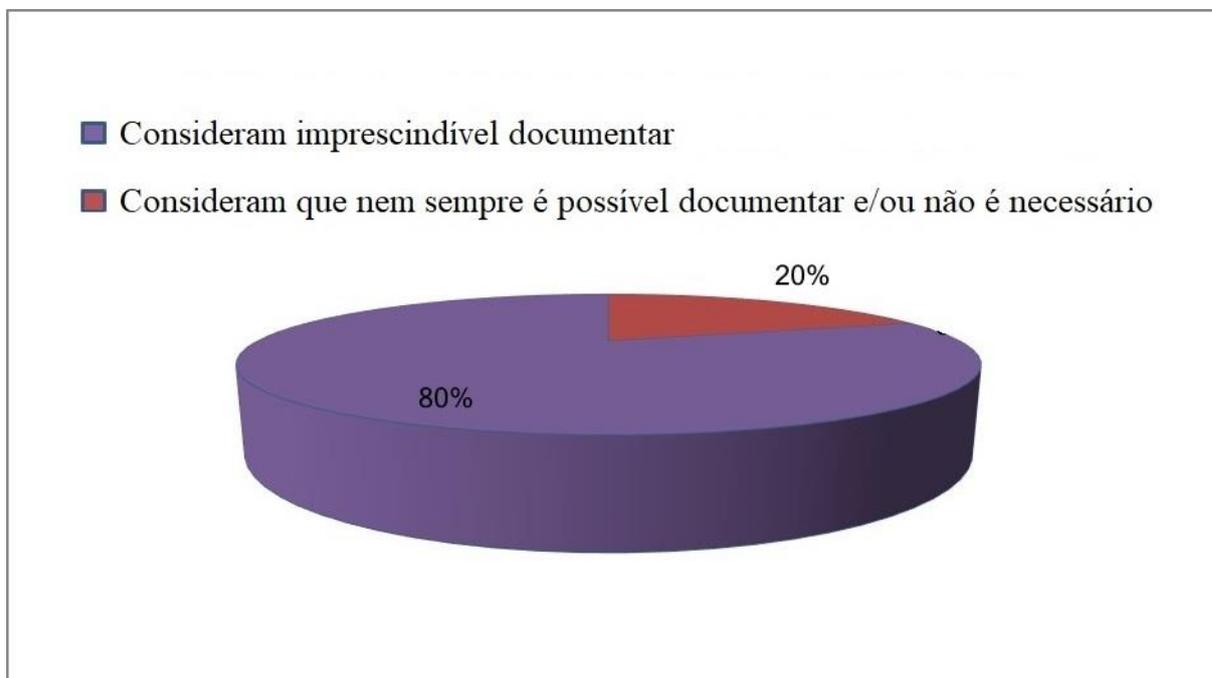
Para esta pesquisa, foram eleitas dez docentes atuantes no CEI Matos Dourado (Centro Educacional de Educação Infantil), localizado à Secretária Executiva Regional II, por se tratar de ambiência profissional da autoras desta pesquisa. Como critérios de escolha levamos em consideração para definição da amostra o fato dos sujeitos investigados trabalharem com crianças em Centros de Educação Infantil, que atendem a faixa etária de um a quatro anos.

A análise e compreensão dos envolvidos na pesquisa contribui para que conheçamos melhor o perfil dos pesquisados, suas características, aspectos sociais e culturais, visto que essas informações são fundamentais para melhor compreensão dos resultados apresentados.

Na análise sobre o gênero dos entrevistados, verificamos serem todas do gênero feminino, evidenciando que, para a Educação Infantil, ainda não estão plenamente entendidas e aplicadas que as ações de ‘cuidar e educar’ de maneira indissociável, visto que ainda são destinada exclusivamente às mulheres os cuidados com as crianças menores.

Observamos a partir das teorias consultadas, e dos gráficos apresentados abaixo, a referida pesquisa com professores da educação infantil, ressaltando as dimensões reflexivas e coletivas vividas em processo de documentação, voltadas para a formação das crianças.

Gráfico1 – A importância da documentação pedagógica



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O primeiro questionário do estudo de campo desta entrevista foi para verificar o quão importante as professoras da educação infantil consideram observar, registrar e documentar as experiências vivenciadas pelas crianças e como esse instrumento de avaliação contribui para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Com os resultados, constatamos que a maioria das entrevistadas, oitenta por cento (80%), consideram imprescindível a utilização do recurso do registro e documentação como instrumento de avaliação e reflexão sobre sua prática pedagógica. Entretanto, verificamos que uma porcentagem considerada relevante, vinte por cento (20%) dos docentes, consideram que nem sempre é possível realizar os registros diários, até mesmo não considera necessário, e atribuem a qualidade do ensino a outras questões.

A documentação enquanto processo implica a produção de registro ao longo do percurso pedagógico: fotografias, produções das crianças, relatos do professor são algumas probabilidades. É preciso, portanto, planejar a documentação, selecionando um foco que oriente o que se quer documentar, por que se quer documentar, e para quem se documenta, pois não é possível e nem produtivo documentar tudo.

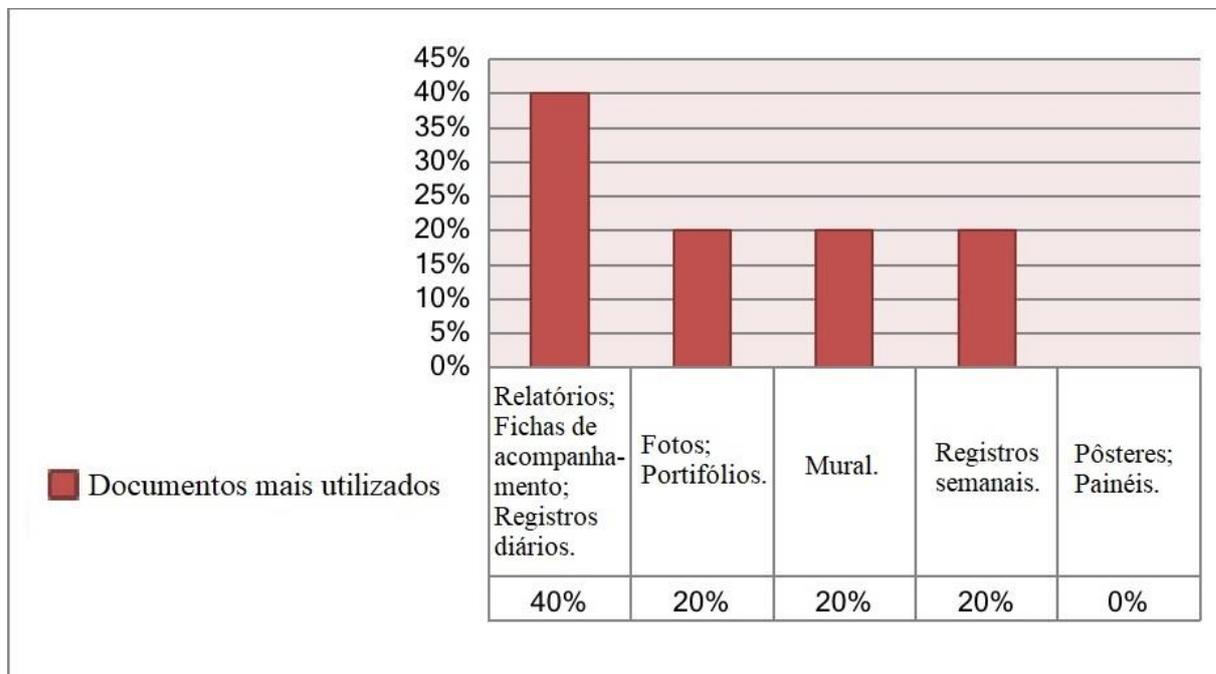
Documentar implica na coleta de registros, a seleção desses materiais, e sua reelaboração, de modo a construir o fio condutor da experiência narrada e, desse modo, a

reflexão sobre ela. Nesse contexto, o conceito e a prática de documentação pedagógica ganham força, pois, observar as crianças em atividade e produzir relatos sobre essas experiências, significa para a maioria das entrevistadas, uma formação continuada.

Apesar da prática de registro já acontecer no campo da Educação Infantil, quarenta por cento (40%) das professoras que responderam a entrevista, através de questionário, nunca tinham ouvido falar na abordagem de Reggio Emília, enquanto trinta por cento (30%) consideraram ser uma experiência positiva sobre documentação pedagógica, seguidos de vinte por cento (20%) que acharam ser o nome de um teórico. Já dez por cento (10%) disseram se tratar de um conceito de documentação.

Os documentos mais utilizados, sistematicamente pelos docentes da rede pública de Fortaleza, são os relatórios, as fichas de acompanhamento e os registros diários, totalizando quarenta por cento (40%) das respostas dadas pelas professoras, seguidos de vinte por cento (20%) para as fotos, portfólios, mural e registros semanais, sendo os pôsteres e painéis os menos utilizados ou não citados.

Gráfico 8 – Documentos mais utilizados



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os resultados dessa pesquisa deixam claro, que documentar os processos e práticas pedagógicas, vem ganhando força, apesar das situações variáveis apresentadas, visto que, cem por cento (100%) das entrevistadas fazem uso de algum tipo de documentação. É importante

ressaltar que a atitude reflexiva é construída na própria prática de documentação. Mais que isso, a prática de documentação pedagógica é uma possibilidade de reflexão docente e de comunicação entre as pessoas envolvidas nas relações com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil como possibilidade de criação de um novo espaço e grupo social não pode ater-se apenas à conteúdos, habilidades e procedimentos que serão utilizados no futuro. As instituições dedicadas para educação da criança fazem parte de contextos centrais do seu desenvolvimento. Para além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional.

Ao pensarmos em infância, relembremos novamente que ela não é uma etapa de preparação para a vida adulta. Nesse sentido, a educação da criança deve favorecer a vivência da infância no presente.

Nesta pesquisa, destacamos a prática italiana de Reggio Emilia para a Educação Infantil, que apresenta princípios e aspectos que respeitam e valorizam a infância. Em seu percurso histórico, fica clara a participação e o envolvimento da comunidade na percepção da importância de garantir a uma educação de qualidade para a criança pequena.

A parceria com as famílias e os demais profissionais que se relacionam de forma direta e indireta com a criança é que vai ser o diferencial na formação desse educando. A vida na instituição infantil deve funcionar com base na tríade pais-educadores-crianças. O bom relacionamento entre esses três personagens é fundamental durante o processo de inserção da criança na vida escolar, além de representar a ação conjunta rumo à consolidação de uma pedagogia voltada para a infância. Tais práticas podem ser revistas e ressignificadas com vistas à melhoria no processo de ensino e aprendizagem, sendo estratégia de formação continuada a ser empregadas pelos gestores

A prática da documentação pedagógica não é, por si só, instrumento de formação docente, porém essa prática vivida em ambiente que promova espaço de diálogo, numa perspectiva que valorize a vivência coletiva e interativa. Por meio da documentação pedagógica, é possível realizar uma forma de diálogo entre crianças, professores e famílias, no qual a relação possibilita a construção de novos conhecimentos e significados sobre as crianças pequenas e as práticas docentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEYWOOD, C. A. **Uma História da Infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

OLIVEIRA, S. M. L. O. A legislação e as políticas para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M. L. A(Org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. ; PASCAL, C. **Documentação pedagógica e avaliação para transformar a educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

PINTO, M. **A infância como construção social**. In: PINTO, M SARMENTO, M. J. As crianças – contextos e identidades. Braga, Portugal. Universidade de Minho. Centro de Estudos da Criança, Ed. Bezerra, 1997.

REGGIO CHILDREN. **Regimento – Escolas e creches para a infância da comunidade Reggio Emilia**. Nerocolore: Corregio, 2012.

RINALDI, C. O currículo emergente e o construtivismo social. In; EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G (Orgs); **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2012.

_____. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.